

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO XII

JANEIRO DE 1869

Nº 1

Aos Nossos Correspondentes

DECISÃO DO CÍRCULO DA MORAL ESPÍRITA DE TOULOUSE,
A PROPÓSITO DO PROJETO DE CONSTITUIÇÃO

Por ocasião da publicação do projeto de constituição, no último número da *Revista*, recebemos numerosas cartas de felicitações e testemunhos de simpatia que nos tocaram profundamente. Na impossibilidade de responder a cada um em particular, pedimos aos nossos honrados correspondentes que aceitem coletivamente os agradecimentos que lhes dirigimos através da *Revista*.

Sentimo-nos felizes, sobretudo por ver que o objetivo e o alcance desse projeto foram compreendidos e que nossas intenções não foram desprezadas. Todos viram nele a realização daquilo que se desejava há muito tempo: uma garantia de estabilidade para o futuro, bem como as primeiras balizas de uma união entre os espíritas, união que lhes faltou até hoje, apoiada numa organização que, prevendo eventuais dificuldades, assegure a unidade dos princípios, sem imobilizar a Doutrina.

De todas as adesões que recebemos, citaremos apenas uma, porque é a expressão de um pensamento coletivo, e a fonte de onde emana lhe dá, de certo modo, um caráter oficial; é a decisão do conselho do *Círculo da Moral Espírita de Toulouse*, regularmente e legalmente constituído. Publicamo-la como testemunho de nossa gratidão aos membros do Círculo, movido nesta circunstância por um impulso espontâneo de devotamento à causa e, além disso, para responder aos votos que nos expressaram.

**EXTRATO DA ATA DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DO
CÍRCULO DA MORAL ESPÍRITA DE TOULOUSE**

A propósito da exposição feita por seu presidente, da constituição transitória dada ao Espiritismo por seu fundador e definida pelos preliminares publicados no número da Revista Espírita de 1^o de dezembro corrente, o conselho vota por unanimidade agradecimentos ao Sr. Allan Kardec, como expressão de seu profundo reconhecimento por essa nova prova de devotamento à Doutrina de que é fundador, e faz votos pela realização desse sublime projeto, que considera como o digno coroamento da obra do mestre; do mesmo modo que vê na instituição da Comissão Central a cúpula do edifício, chamado a gerir para sempre os benefícios do Espiritismo sobre a Humanidade inteira.

Considerando que é dever de todo adepto sincero concorrer, na medida de seus recursos, para a criação do capital necessário a essa constituição, e desejando facilitar a cada membro do *Círculo da Moral Espírita* o meio de contribuir para isto, decide:

Que fique aberta uma subscrição no secretariado do Círculo até 15 de março próximo, e que a soma apurada nessa época seja enviada ao Sr. Allan Kardec para ser depositada na Caixa Geral do Espiritismo.

Conferida e certificada conforme a minuta, por nós secretário abaixo assinado,

Cbêne, secretário-adjunto

Estatística do Espiritismo

Como já dissemos, a enumeração exata dos espíritas seria coisa impossível, e isto por uma razão muito simples: o Espiritismo não é uma associação, nem uma congregação; seus aderentes não estão inscritos em nenhum registro oficial. Sabe-se perfeitamente que não se poderia avaliar o montante pelo número e a importância das sociedades, freqüentadas apenas por minoria ínfima. O Espiritismo é uma opinião que não exige nenhuma profissão de fé, e pode estender-se ao todo ou parte dos princípios da Doutrina. Basta simpatizar com a idéia para ser espírita. Ora, não sendo essa qualidade conferida por nenhum ato material, e não implicando senão obrigações morais, não existe qualquer base física para determinar o número dos adeptos com precisão. Não se o pode estimar senão de maneira aproximativa, pelas relações e pela maior ou menor facilidade com que a idéia se propaga. Esse número aumenta diariamente em proporção considerável: é um fato positivo, reconhecido pelos próprios adversários; a oposição diminui, prova evidente de que a idéia encontra, cada vez mais, numerosas simpatias.

Aliás, compreende-se que é pelo conjunto e não pela situação das localidades, consideradas isoladamente, que se pode basear uma apreciação; há em cada localidade elementos mais ou menos favoráveis, em razão do estado particular dos espíritos e também das resistências mais ou menos influentes que aí se exercem; mas essa situação é variável, porque tal localidade, que se tenha mostrado refratária durante vários anos, de repente se torna um foco. Quando os elementos de apreciação tiverem adquirido

mais precisão, será possível fazer um mapa colorido em relação à difusão das idéias espíritas, como foi feito para a instrução. Enquanto isso, pode-se afirmar, sem exagero, que, em suma, o número dos adeptos centuplicou em dez anos, a despeito das manobras empregadas para abafar a idéia e contrariamente às previsões de todos os que se vangloriavam de a ter enterrado. Isto é um fato comprovado, devendo os antagonistas tomar o seu partido.

Só falamos aqui dos que aceitam o Espiritismo com conhecimento de causa, depois de o haver estudado, e não dos que, embora mais numerosos, estas idéias ainda estão em estado de intuição, faltando-lhes apenas definir suas crenças com mais precisão e dar-lhes um nome, para serem espíritas confessos. É um fato bem comprovado, que se constata todos os dias, sobretudo de algum tempo para cá, que as idéias espíritas parecem inatas numa porção de indivíduos, que jamais ouviram falar do Espiritismo; não se pode dizer que tenham sofrido uma influência qualquer, nem que sofreram a influência de um círculo. Que os adversários expliquem, se puderem, esses pensamentos que nascem fora e à margem do Espiritismo! Por certo não seria um sistema preconcebido no cérebro de um homem que teria produzido tal resultado; não há prova mais evidente de que essas idéias estão na Natureza, nem melhor garantia de sua vulgarização no futuro e de sua perpetuidade. Deste ponto de vista pode-se dizer que pelo menos três quartos da população de todos os países possuem o germe das crenças espíritas, pois são encontrados entre aqueles mesmos que lhe fazem oposição. Na maioria, a oposição vem da falsa idéia que fazem do Espiritismo; não o conhecendo, em geral, senão pelos quadros ridículos que dele faz a crítica malevolente ou interessada em desacreditá-lo, recusam com razão a qualidade de espíritas. Certamente, se o Espiritismo se assemelhasse aos retratos grotescos que dele fizeram, se se constituísse das crenças e práticas absurdas que houveram por bem lhe atribuir, seríamos o primeiro a repudiar o título de espírita. Quando, pois, essas mesmas pessoas

souberem que a Doutrina não é senão a coordenação e o desenvolvimento de suas próprias aspirações e de seus pensamentos íntimos, aceitá-la-ão; esses são, incontestavelmente, futuros espíritas, mas, por enquanto, não os consideramos em nossas avaliações.

Se é impossível uma estatística, outra há, talvez mais instrutiva e para a qual existem elementos que nos fornecem as nossas relações e a nossa correspondência: é a proporção relativa dos espíritas segundo as profissões, as posições sociais, as nacionalidades, as crenças religiosas, etc., levando em conta que certas profissões, como os oficiais ministeriais, por exemplo, são em número limitado, ao passo que outras, como os industriais e os capitalistas são em número indefinido. Guardadas todas as proporções, pode-se ver quais são as categorias nas quais o Espiritismo encontrou, até hoje, mais aderentes. Em algumas, a proporção pôde ser estabelecida em percentagem, com precisão, sem contudo pretender que tenham um rigor matemático; as outras categorias simplesmente foram classificadas em razão do número de adeptos que apresentaram, começando pelas de maior número, de que a correspondência e a lista de assinantes da *Revista* podem fornecer elementos. O quadro a seguir é resultado do levantamento de mais de dez mil observações.

Constatamos o fato, sem procurar discutir a causa dessa diferença, o que, não obstante, poderia ser assunto para um estudo interessante.

PROPORÇÃO RELATIVA DOS ESPÍRITAS

I. *Em relação às nacionalidades.* – A bem dizer, não existe nenhum país civilizado da Europa e da América onde não haja espíritas. Eles são mais numerosos nos Estados Unidos da América do Norte. Seu número aí é avaliado, por uns, em quatro milhões, o que já é muito, e por outros em dez milhões. Esta última cifra

evidentemente é exagerada, porque compreenderia mais de um terço da população, o que não é provável. Na Europa, a cifra pode ser avaliada em um milhão, na qual a França figura com seiscentos mil. Pode-se estimar o número de espíritas no mundo inteiro em seis ou sete milhões. Ainda que não passasse da metade, a História não oferece nenhum exemplo de uma doutrina que, em menos de quinze anos, tivesse reunido semelhante número de adeptos disseminados por toda a superfície do globo. Se aí incluíssemos os espíritas inconscientes, isto é, os que só o são por intuição, e mais tarde se tornarão espíritas de fato, só na França poder-se-iam contar vários milhões.

Do ponto de vista da difusão das idéias espíritas, e da facilidade com que são aceitas, os principais Estados da Europa podem ser classificados como se segue:

1^o França. – 2^o Itália. – 3^o Espanha. – 4^o Rússia. – 5^o Alemanha. – 6^o Bélgica. – 7^o Inglaterra. – 8^o Suécia e Dinamarca. – 9^o Grécia. – 10^o Suíça.

II. *Em relação ao sexo.* – 70% de homens e 30% de mulheres.

III. *Em relação à idade.* – Máximo: de 30 a 70 anos; média: de 20 a 30 anos; mínimo: de 70 a 80 anos.

IV. *Em relação à instrução.* – O grau de instrução é muito fácil de apreciar pela correspondência. Instrução cuidada: 30%; – simples letrados: 30%; – instrução superior: 20%; – semiletrados: 10%; – analfabetos: 6%; – sábios oficiais: 4%.

V. *Em relação às idéias religiosas.* – Católicos romanos, livres-pensadores, não ligados ao dogma: 50%; – católicos gregos: 15%; – judeus: 10%; – protestantes liberais: 10%; – católicos ligados aos dogmas: 10%; – protestantes ortodoxos: 3%; – muçulmanos: 2%.

VI. *Em relação à fortuna.* – Mediocridade: 60%; – fortunas médias: 20%; – indigência: 15%; – grandes fortunas: 5%.

VII. *Em relação ao estado moral,* abstração feita da fortuna. – Aflitos: 60%; – sem inquietude: 30%; – felizes do mundo: 10%; – sensualistas: 0%.

VIII. *Em relação à classe social.* – Sem poder estabelecer nenhuma proporção nesta categoria, é notório que o Espiritismo conta entre seus aderentes: vários soberanos e príncipes reinantes; membros de famílias soberanas e um grande número de personagens tituladas.

Em geral, é nas classes médias que o Espiritismo conta mais adeptos; na Rússia é mais ou menos exclusivamente na nobreza e na alta aristocracia; é na França que mais se propagou na pequena burguesia e na classe operária.

IX. *Estado militar,* segundo o grau. – 1^o Tenentes e subtenentes; 2^o Suboficiais; 3^o Capitães; 4^o Coronéis; 5^o Médicos e cirurgiões; 6^o Generais; 7^o Guardas municipais; 8^o Soldados da guarda; 9^o Soldados de linha.

Observação – Os tenentes e subtenentes espíritas estão quase todos na ativa; entre os capitães, cerca de metade estão na ativa e a outra metade na reserva; os coronéis, médicos, cirurgiões e generais, em maioria estão na reserva.

X. *Marinha.* – 1^o Marinha de Guerra; 2^o Marinha Mercante.

XI. *Profissões liberais e funções diversas.* – Nós os agrupamos em dez categorias, classificadas segundo a proporção dos aderentes que forneceram ao Espiritismo:

1º – Médicos homeopatas. – Magnetistas.¹

2º – Engenheiros. – Institutores; diretores e diretoras de internatos. – Professores livres.

3º – Cônsules. – Sacerdotes católicos.

4º – Pequenos empregados. – Músicos. – Artistas líricos. – Artistas dramáticos.

5º – Meirinhos. – Comissários de polícia.

6º – Médicos alopatas. – Homens de letras. – Estudantes.

7º – Magistrados. – Altos funcionários. – Professores oficiais e de liceus. – Pastores protestantes.

8º – Jornalistas. – Pintores. – Arquitetos. – Cirurgiões.

9º – Notários. – Advogados. – Agentes de negócios.

10º – Agentes de câmbio. – Banqueiros.

XII. *Profissões industriais, manuais e comerciais*, igualmente grupadas em dez categorias:

1º – Alfaiates. – Costureiras.

2º – Mecânicos. – Empregados de estradas de ferro.

1 A palavra *magnetizador* desperta uma idéia de ação; a de *magnetista* uma idéia de adesão. O magnetizador é o que exerce por profissão ou outra coisa. Pode-se ser magnetista sem ser magnetizador. Dir-se-á: *um magnetizador experimentado e um magnetista convicto.*

3º – Tecelões. – Pequenos negociantes. – Porteiros.

4º – Farmacêuticos. – Fotógrafos. – Relojoeiros. –
Caixeiros-viajantes.

5º – Lavradores. – Sapateiros.

6º – Padeiros. – Açougueiros. – Salsicheiros.

7º – Marceneiros. – Tipógrafos.

8º – Grandes industriais e chefes de estabelecimentos.

9º – Livreiros. – Impressores.

10º – Pintores de casas. – Pedreiros. – Serralheiros. –
Merceeiros. – Domésticos.

Desta lista, resultam as seguintes conseqüências:

1º – Que há espíritas em todos os graus da escala social;

2º – Que há mais homens do que mulheres espíritas. É certo que nas famílias divididas por suas crenças, no tocante ao Espiritismo, há mais maridos contrariados pela oposição de suas esposas do que mulheres pela dos maridos. Não é menos constante que, em todas as reuniões espíritas, os homens estejam em maioria.

É, pois, injustamente que a crítica pretendeu que a Doutrina é recrutada principalmente entre as mulheres, em virtude de sua inclinação para o maravilhoso. É precisamente o contrário: essa inclinação para o maravilhoso e para o misticismo em geral as torna mais refratárias que os homens; essa predisposição faz que aceitem mais facilmente a fé cega, que dispensa qualquer exame, ao

passo que o Espiritismo, não admitindo senão a fé raciocinada, exige reflexão e dedução filosófica para ser bem compreendido, para o que a educação estreita dada às mulheres torna-as menos aptas que os homens. As que sacodem o jugo imposto à sua razão e ao seu desenvolvimento intelectual, muitas vezes caem no excesso contrário; tornam-se o que chamam de mulheres fortes e sua incredulidade mais tenaz;

3º – Que a grande maioria dos espíritas se acha entre pessoas esclarecidas, e não entre os ignorantes. Por toda parte o Espiritismo se propagou de alto a baixo da escala social, e em parte alguma se desenvolveu primeiro nas camadas inferiores;

4º – Que a aflição e a infelicidade predis põem às crenças espíritas, em consequência das consolações que proporcionam. É a razão pela qual, na maioria das categorias, a proporção dos espíritas está na razão da inferioridade hierárquica, porque é aí que há mais privações e sofrimentos, ao passo que os titulares das posições superiores em geral pertencem à classe dos satisfeitos, à exceção do estado militar, onde os simples soldados figuram em último lugar;

5º – Que o Espiritismo encontra mais fácil acesso entre os incrédulos em matéria religiosa do que entre os que têm uma fé irrevogável;

6º – Enfim, que depois dos fanáticos, os mais refratários às idéias espíritas são os sensualistas e as pessoas cujos únicos pensamentos estão concentrados nas posses e nos prazeres materiais, seja qual for a classe a que pertençam, o que independe do grau de instrução.

Em resumo, o Espiritismo é acolhido como um benefício pelos que ele ajuda a suportar o fardo da vida, e é repellido ou desdenhado por aqueles a quem prejudicaria no gozo da vida.

Partindo deste princípio, facilmente se explicam o lugar que ocupam, nesse quadro, certas categorias de indivíduos, a despeito das luzes que são uma condição de sua posição social. Pelo caráter, gostos, hábitos e gênero de vida das pessoas, pode-se julgar do avanço de sua aptidão para assimilar as idéias espíritas. Em alguns, a resistência é uma questão de amor-próprio, que segue quase sempre o grau do saber; quando esse saber os faz conquistar uma certa posição social, que os põe em evidência, não querem admitir que se podiam ter enganado e que outros possam ter visto melhor. *Oferecer provas a certas pessoas é oferecer-lhes o que mais temem*; e, com medo de achá-las, tapam os olhos e os ouvidos, preferindo negar *a priori* e se abrigarem atrás de sua infalibilidade, de que estão muito convencidas, digam o que disserem.

Explica-se menos facilmente a causa da posição que ocupam, nesta classificação, certas profissões industriais. Pergunta-se, por exemplo, por que os alfaiates aí ocupam a primeira posição, enquanto a livraria e a imprensa, profissões bem mais intelectuais, estão quase na última. É um fato constatado há muito tempo e do qual ainda não nos demos conta.

Se, no levantamento acima, em vez de não abranger senão os espíritas de fato, tivessem considerado os espíritas inconscientes, aqueles nos quais essas idéias estão em estado de intuição e que fazem Espiritismo sem o saber, certamente várias categorias teriam sido classificadas de modo diverso; por exemplo, os literatos, os poetas, os artistas, numa palavra, todos os homens de imaginação e de inspiração, os crentes de todos os cultos estariam, sem sombra de dúvida, no primeiro lugar. Certos povos, nos quais as crenças espíritas de certo modo são inatas, também ocupariam outra posição. Eis por que essa classificação não poderia ser absoluta, e se modificará com o tempo.

Os médicos homeopatas estão à frente das profissões liberais porque, com efeito é a que, guardadas as devidas proporções, conta em suas fileiras maior número de adeptos do

Espiritismo; em cem médicos espíritas, há pelo menos oitenta homeopatas. Isto se deve a que o princípio mesmo de sua medicação os conduz ao espiritualismo; por isso os materialistas são muito raros entre eles, se é que os há, ao passo que são numerosos entre os alopatas. Melhor que estes últimos, compreenderam o Espiritismo, porque encontraram nas propriedades fisiológicas do perispírito, unido ao princípio material e ao princípio espiritual, a razão de ser de seu sistema. Pelo mesmo motivo, os espíritas puderam, melhor que os outros, compreender os efeitos desse modo de tratamento. Sem ser exclusivos a respeito da homeopatia, e sem rejeitar a alopatia, compreenderam a sua racionalidade e a sustentaram contra ataques injustos. Os homeopatas, achando novos defensores nos espíritas, não foram inábeis a ponto de lhes atirar a pedra.

Se os magnetistas figuram na primeira linha, logo após os homeopatas, malgrado a oposição persistente e muitas vezes acerba de alguns, é que os oponentes não formam senão pequeníssima minoria ao lado da massa dos que são, pode-se dizer, espíritas por intuição. O magnetismo e o Espiritismo são, com efeito, duas ciências gêmeas, que se completam e explicam uma pela outra, e das duas, a que não quer *imobilizar-se* não pode chegar ao seu complemento sem se apoiar na sua congênera; isoladas uma da outra, detêm-se num impasse; são reciprocamente como a Física e a Química, a Anatomia e a Fisiologia. A maioria dos magnetistas compreende de tal modo por intuição a relação íntima que deve existir entre as duas coisas, que geralmente se prevalecem de seus conhecimentos em magnetismo, como meio de introdução junto aos espíritas.

Em todos os tempos os magnetistas foram divididos em dois campos: os *espiritualistas* e os *fluidistas*. Estes últimos, muito menos numerosos, pelo menos fazendo abstração do princípio espiritual, quando não o negam absolutamente, referindo tudo à ação do fluido material, estão, por conseguinte, em oposição de

princípios com os espíritas. Ora, é de notar que, se nem todos os magnetistas são espíritas, todos os espíritas, *sem exceção*, admitem o magnetismo. Em todas as circunstâncias, fizeram-se seus defensores e sustentáculos. Deviam ter-se admirado de encontrar adversários mais ou menos malévolos nos mesmos cujas fileiras acabavam de reforçar; que, depois de terem sido, durante mais de meio século, vítimas de ataques, de zombarias e de perseguições de toda sorte, por sua vez atirem a pedra, os sarcasmos e muitas vezes a injúria aos auxiliares que lhes chegam e começam a pesar na balança pelo seu número.

Aliás, como dissemos, esta oposição está longe de ser geral; muito ao contrário. Pode-se afirmar, sem se afastar da verdade, que não chega a 2 ou 3% da totalidade dos magnetistas; ela é muito menor ainda entre os da província e do estrangeiro do que entre os de Paris.

O Espiritismo do Ponto de Vista Católico

Extrato do jornal *Voyageur du commerce*,² de 22 de novembro de 1868

Algumas páginas sinceras sobre o Espiritismo, escritas por um homem de boa-fé, não poderiam ser inúteis nesta época e talvez seja tempo de se fazer justiça e luz sobre uma questão que, embora contando hoje no mundo inteligente numerosos adeptos, não tem sido menos relegada para o domínio do absurdo e do impossível por espíritas levianos, imprudentes e pouco preocupados com o desmentido que o futuro lhes possa dar.

2 O *Voyageur du commerce* aparece todos os domingos. – Redação: 3, faubourg Saint-Honoré. Preço: 22 francos por ano; 12 francos por semestre; 6 francos e 50 por trimestre.

Porque tenha publicado o artigo que se vai ler, que é a expressão do pensamento do autor, nada prejudicamos quanto às suas simpatias pelo Espiritismo, já que só o conhecemos por este número, a nós enviado gentilmente.

Seria curioso interrogar hoje esses pretensos sábios que, do alto de seu orgulho e de sua ignorância, decretavam, ainda há pouco, com soberbo desdém, a loucura desses homens gigantes que procuravam novas aplicações para o vapor e a eletricidade. Felizmente a morte lhes poupou essas humilhações.

Para firmar claramente a nossa situação, faremos ao leitor uma profissão de fé em algumas linhas:

Espírita, Avatar, Paul d'Aprémont provam-nos incontestavelmente o talento de Théophile Gautier, esse poeta a quem o maravilhoso sempre atraiu; estes livros encantadores são pura imaginação e seria erro neles procurar outra coisa; o Sr. Home era um prestidigitador hábil; os irmãos Davenport, saltimbancos desajeitados.

Todos os que quiseram fazer do Espiritismo um negócio de especulação, são, em nossa opinião, da alçada da polícia correcional ou do tribunal do júri, e eis por quê: Se o Espiritismo não existe, são impostores passíveis da penalidade infligida pelo abuso de confiança; ao contrário, se existe, é com a condição de ser coisa sagrada por excelência, a mais majestosa manifestação da Divindade. Se se admitisse que o homem, passando sobre o túmulo, pudesse de pé firme penetrar na outra vida, corresponder-se com os mortos e ter assim a única prova irrecusável – porque seria material – da imortalidade da alma, não seria um sacrilégio entregar a esses palhaços de rua o direito de profanarem o mais santo dos mistérios e violarem, sob a proteção dos magistrados, o segredo eterno dos túmulos? O bom-senso, a moral, a segurança mesma dos cidadãos exigem imperiosamente que esses novos ladrões sejam expulsos do templo, e que nossos teatros e nossas praças públicas sejam fechados a esses falsos profetas que lançam nos espíritos fracos o terror, de que a loucura muitas vezes é a consequência.

Isto posto, entremos no âmago mesmo da questão.

Ao ver as escolas modernas, que fazem tumulto em torno de certos princípios fundamentais e de certezas conquistadas, é fácil compreender que o século da dúvida e do desencorajamento em que vivemos está tomado de vertigem e de cegueira.

Entre todos esses dogmas o mais agitado foi, sem contradita, o da imortalidade da alma.

Com efeito, tudo está aí: é a questão por excelência, é o homem todo inteiro, é o seu presente, é o seu futuro; é a sanção da vida, é a esperança da morte. É a ela que se vêm ligar todos os grandes princípios da existência de Deus, da alma, da religião revelada.

Admitida esta verdade, não é mais a vida que deve inquietar-nos, mas o termo da vida; os prazeres se apagam para dar lugar ao dever; o corpo não é mais nada, a alma é tudo; o homem desaparece e só Deus resplandece em sua eterna imensidade.

Então a grande palavra da vida, a única, é a morte, ou antes, a nossa transformação. Sendo chamados a passar pela Terra como fantasmas, é para esse horizonte que se entreabre do outro lado que devemos lançar o olhar; viajores de alguns dias, é ao partir que convém nos informemos sobre o objetivo de nossa peregrinação, perguntemos à vida o segredo da eternidade, finquemos as balizas do nosso caminho e, passageiros da morte à vida, sustentemos com mão firme o fio que atravessa o abismo.

Disse Pascal: “A imortalidade da alma é uma coisa que nos importa tanto e que nos toca tão profundamente, que é preciso ter perdido todo sentimento para estar na indiferença de saber o que ela é. Todas as nossas ações, todos os nossos pensamentos devem tomar caminhos tão diferentes, conforme haja ou não bens eternos a esperar, que é impossível empregar esforços com senso e raciocínio, senão se regendo pela vista deste plano, que deve ser o nosso primeiro objetivo.”

Em todas as épocas o homem teve por patrimônio comum a noção da imortalidade da alma e procurou apoiar em provas essa idéia consoladora; acreditou achá-la nos usos, nos costumes dos diversos povos, nos relatos dos historiadores, nos cantos dos poetas; sendo anterior a todo sacerdote, a todo legislador, a todo escritor, não tendo saído de nenhuma seita, de nenhuma escola, e existindo nos povos bárbaros como nas nações civilizadas, de onde viria ela senão de Deus, que é a verdade?

Ai! essas provas que o medo do nada criou não são senão esperanças de um futuro construído sobre um areal duvidoso, sobre a areia movediça; e as deduções da lógica mais cerrada jamais chegarão à altura de uma demonstração matemática.

Esta prova material, irrecusável, justa como um princípio divino e como uma adição ao mesmo tempo, acha-se inteira no Espiritismo e não poderia encontrar-se alhures. Considerando-a deste ponto de vista elevado, como uma âncora de misericórdia, como a suprema tábua de salvação, compreende-se facilmente o número de adeptos que este novo altar, inteiramente católico, grupou em torno de seus degraus; porque, não há que se equivocar, é aí e não alhures, que se deve procurar a origem do sucesso que essas novas doutrinas criaram junto a homens que brilham no primeiro plano da eloquência, sagrada ou profana, e cujos nomes gozam de merecida notoriedade nas ciências e nas letras.

O que é, pois, o Espiritismo?

Na sua definição mais ampla, o Espiritismo é a faculdade que possuem certos indivíduos de entrar em relação, por meio de um intermediário ou médium, que não passa de um instrumento em suas mãos, com o Espírito de pessoas mortas e habitando um outro mundo. Esse sistema que, segundo os crentes, se apóia num grande número de testemunhas, oferece uma singular sedução, menos ainda pelos resultados do que por suas promessas.

Nesta ordem de idéias, o sobrenatural não é mais um limite, a morte não é mais uma barreira, o corpo não é mais um obstáculo à alma, que dele se desembaraça após a vida, como durante a vida ela se desembaraça momentaneamente no sonho. Na morte, o Espírito está livre; se for puro, eleva-se nas esferas que nos são desconhecidas; se for impuro, erra em volta da Terra, põe-se em comunicação com o homem, que trai, engana e corrompe. Os espíritas não crêem nos Espíritos bons; o clero, conformando-se ao texto da Bíblia, também não crê senão nos maus, e os encontra nesta passagem: “Tomai cuidado, porque o demônio ronda em torno de vós e vos espreita como um leão buscando sua presa, *quoerens quem devoret.*”

Assim, o Espiritismo não é uma descoberta moderna. Jesus expulsava os demônios do corpo dos possessos, e Diodoro da Sicília fala aos fantasmas; os deuses lares dos romanos, seus Espíritos familiares, que eram pois?

Mas, então, por que repelir com prevenção e sem exame um sistema, certamente perigoso do ponto de vista da razão humana, mas cheio de esperanças e de consolações? A brucina, sabiamente administrada, é um dos mais poderosos remédios; e porque é um violento veneno em mãos inábeis, é uma razão para proscrevê-la da farmacopéia?

O Sr. Baguenault de Puchesse, um filósofo e um cristão, de cujo livro faço numerosos empréstimos, porque suas idéias são as minhas, diz no seu belo livro *Imortalidade*, a propósito do Espiritismo: “Suas práticas inauguram um sistema completo que compreende o presente e o futuro, que traça os destinos do homem, abre-lhe as portas da outra vida e o introduz no mundo sobrenatural. A alma sobrevive ao corpo, pois que aparece e se mostra após a dissolução dos elementos que o compõem. O princípio espiritual se desprende, persiste e, por seus atos, afirma sua existência. Desde então o materialismo é condenado pelos

fatos; a vida de além-túmulo se torna um fato certo e por assim dizer palpável; o sobrenatural se impõe à Ciência e, submetendo-se ao seu exame, não lhe permite mais repeli-lo teoricamente e declará-lo, em princípio, impossível.”

O livro que assim fala do Espiritismo é dedicado a uma das luzes da Igreja, a um dos mestres da Academia Francesa, a uma celebridade das letras contemporâneas, que respondeu:

“Um belo livro, sobre um grande assunto, publicado pelo presidente de nossa Academia de Santa-Cruz, será uma honra para vós e para toda a nossa Academia. Talvez não possais escolher uma questão mais alta nem mais importante a estudar na hora presente... Permitti-me, pois, senhor e caríssimo amigo, vos oferecer, pelo belo livro que dedicais à nossa Academia e pelo bom exemplo que nos dais, todas as minhas felicitações e todos os meus agradecimentos, com a homenagem de meu religioso e profundo devotamento.”

Félix, bispo de Orléans

Orléans, 28 de março de 1864

O artigo é assinado por *Robert de Salles*.

Evidentemente o autor não conhece o Espiritismo senão de maneira incompleta, como o provam certas passagens de seu artigo; todavia, considera-o como coisa muita séria e, salvo algumas exceções, os espíritas não poderão senão aplaudir o conjunto de suas reflexões. Equivoca-se principalmente quando diz que os espíritas não crêem nos Espíritos bons, e também na definição que dá como a mais ampla expressão do Espiritismo; é, diz ele, a faculdade que possuem certos indivíduos, de entrar em relação com o Espírito de pessoas mortas.

A mediunidade, ou faculdade de comunicar-se com os Espíritos, não constitui o fundo do Espiritismo, sem o que, para ser

espírita, fora preciso ser médium; não passa de um acessório, um meio de observação, e não a ciência, que está toda inteira na doutrina filosófica. O Espiritismo não está mais subordinado aos médiuns do que a Astronomia a uma luneta; e a prova disto é que se pode fazer Espiritismo sem médiuns, como se fez Astronomia muito tempo antes de haver telescópios. A diferença consiste em que, no primeiro caso, se faz ciência teórica, ao passo que a mediunidade é o instrumento que permite assentar a teoria sobre a experiência. Se o Espiritismo se circunscrevesse à faculdade mediúnica, sua importância seria singularmente diminuída e, para muita gente, se reduziria a fatos mais ou menos curiosos.

Lendo esse artigo, pergunta-se se o autor crê ou não no Espiritismo, porque não o expõe, de certo modo, senão como hipótese, mas uma hipótese digna da mais séria atenção. Se for uma verdade, diz ele, é uma coisa sagrada por excelência, que só deve ser tratada com respeito, e cuja exploração não poderia ser perseguida com muita severidade.

Não é a primeira vez que esta idéia é expressa, mesmo pelos adversários do Espiritismo, e é de notar que é sempre o lado pelo qual a crítica julgou pegar a Doutrina em falta, atacando o abuso do tráfico quando encontrou ocasião; é que ela sente que este seria o seu lado vulnerável, e pelo qual poderia acusá-lo de charlatanismo. Eis por que a malevolência se obstina em associá-la aos charlatães, ledores da sorte e outros exploradores da mesma laia, esperando por esse meio enganar e lhe tirar o caráter de dignidade e gravidade, que constitui a sua força. A rebelião contra os Davenport, que tinham julgado poder expor impunemente os Espíritos nos palcos, prestou imenso serviço; em sua ignorância quanto ao verdadeiro caráter do Espiritismo, a crítica da época julgou feri-lo de morte, quando não desacreditou senão os abusos, contra os quais todos os espíritas sinceros sempre protestaram.

Seja qual for a crença do autor, e a despeito dos erros contidos em seu artigo, devemos felicitar-nos por nele ver a

questão tratada com a gravidade que o assunto comporta. A imprensa raramente tem ouvido falar dele num sentido tão sério; mas há começo para tudo.

Processo das Envenenadoras de Marselha

O nome do Espiritismo achou-se envolvido casualmente neste caso deplorável. Um dos acusados, o ervanário Joye, disse dele ter-se ocupado, e que interrogava os Espíritos. Isto prova que fosse espírita e que se possa algo inferir contra a Doutrina? Sem dúvida os que a querem desacreditar não deixarão de aí buscar um pretexto para acusá-la; mas, se as diatribes da malevolência até hoje não deram resultado, é que sempre erraram o alvo, como aqui é o caso. Para saber se o Espiritismo incorre numa responsabilidade qualquer nesta circunstância, o meio é muito simples: é inquirir-se de *boa-fé*, não entre os adversários, mas na própria fonte, o que prescreve e o que condena. Não há nada secreto; seus ensinamentos estão aos olhos de todos e cada um os pode controlar. Se, pois, os livros da Doutrina não encerram senão instruções capazes de levar ao bem; se condenam de maneira explícita e formal todos os atos desse homem, as práticas a que se entregou, o papel ignóbil e ridículo que ele atribui aos Espíritos, é que aí não colheu suas inspirações. Não há um homem imparcial que não convenha com isto e não declare o Espiritismo fora desta questão.

O Espiritismo só reconhece como adeptos os que põem em prática os seus ensinamentos, isto é, que trabalham a sua própria melhora moral, porque é o sinal característico do verdadeiro espírita. Não é mais responsável pelos atos daqueles a quem agrada dizer-se espíritas, do que a verdadeira ciência pelo charlatanismo dos escamoteadores, que se intitulam *professores de física*, nem a sã religião pelos abusos cometidos em seu nome.

Diz a acusação, a propósito de Joye: “Encontrou-se em sua casa um registro que dá a idéia de seu caráter e de suas ocupações. Segundo ele, cada página teria sido escrita conforme o ditado dos Espíritos, e é cheio de ardentes suspiros por Jesus-Cristo. Em cada página fala-se de Deus e os santos são invocados. À margem, por assim dizer, há notas que podem dar uma idéia das operações habituais do ervanário:

“Para *espiritismo*, 4 fr. 25. – Doentes, 6 fr. – Cartas, 2 fr. – Malefícios, 10 fr. – Exorcismos, 4 fr. – Varinha de condão, 10 fr. – Malefícios por tiragem da sorte, 60 fr.” E muitas outras designações, entre as quais se encontram malefícios até estar saciado, e que terminam por esta menção: “Em janeiro fiz 226 francos. Os outros meses foram menos frutuosos.”

Alguma vez já se viu nas obras da Doutrina Espírita a apologia de semelhantes práticas, nem o que quer que seja capaz de provocá-las? Ao contrário, aí não se vê que ela repudia toda solidariedade com a magia, a feitiçaria, os sortilégios, os cartomantes, os adivinhos e todos os que fazem profissão de comércio com os Espíritos, pretendendo tê-los às suas ordens a tanto por sessão?

Se Joye fosse espírita, logo de começo teria olhado como uma profanação fazer intervirem os Espíritos em semelhantes circunstâncias; além disso, saberia que *os Espíritos não estão às ordens de ninguém* e nem vêm por encomenda, nem pela influência de qualquer sinal cabalístico; que os Espíritos são as almas dos homens que viveram na Terra ou em outros mundos, nossos pais, nossos amigos, nossos contemporâneos ou nossos antepassados; que foram homens como nós e que depois da nossa morte seremos Espíritos como eles; que os gnomos, duendes, diabretes e demônios são criações de pura fantasia e só existem na imaginação; que os Espíritos são livres, mais livres do que quando estavam encarnados, e que pretender submetê-los aos nossos

caprichos e à nossa vontade, fazê-los agir e falar a nosso bel-prazer, para o nosso divertimento ou o nosso interesse, é uma idéia quimérica; que vêm quando querem, da maneira que querem e a quem lhes convém; que o objetivo providencial das comunicações com os Espíritos é nossa instrução e nossa melhoria moral, e não nos ajudar nas coisas materiais da vida, que podemos fazer ou encontrar por nós mesmos e, ainda menos, servir à cupidez; enfim, que em razão de sua própria natureza e do respeito que se deve às almas dos que viveram, é tão irracional quanto imoral manter escritório aberto para consulta ou exibição de Espíritos. Ignorar estas coisas é ignorar o abecê do Espiritismo; e quando a crítica o confunde com a cartomancia, a quiromancia, os exorcismos, as práticas da feitiçaria, os malefícios, os encantamentos, etc., ela prova que nada sabe sobre ele. Ora, negar ou condenar uma doutrina que não se conhece é faltar à lógica mais elementar; atribuir-lhe ou fazê-la dizer precisamente o contrário do que diz, é calúnia ou parcialidade.

Uma vez que Joye envolvia em seus processos o nome de Deus, de Jesus e a invocação dos santos, também podia muito bem envolver o nome do Espiritismo, o que não prova mais contra a Doutrina do que o seu simulacro de devoção contra a sã religião. Ele não era, pois mais espírita porque interrogasse supostos Espíritos, do que as mulheres Lamberte e Dye não eram verdadeiramente piedosas, porque fossem queimar velas à *Boa-Mãe*, Nossa Senhora da Guarda, para o êxito de seus envenenamentos. Aliás, se ele fosse espírita, nem mesmo lhe teria vindo ao pensamento fazer servir à perpetuação do mal uma doutrina cuja primeira lei é o amor do próximo, e que tem por divisa: *Fora da caridade não há salvação*. Se se imputasse ao Espiritismo a incitação de semelhantes atos, poder-se-ia, da mesma maneira, fazer a sua responsabilidade cair sobre a religião.

A respeito, eis algumas reflexões do *Opinion nationale*, de 8 de dezembro:

“O jornal *Le Monde* acusa o jornal *Siècle*, os maus jornais, as más reuniões, os maus livros de cumplicidade no caso das envenenadoras de Marselha.

“Lemos com dolorosa curiosidade os debates dessa estranha questão; mas não vimos em parte alguma que o feiticeiro Joye ou a feiticeira Lamberte tenham sido assinantes do *Siècle*, do *Avenir* ou do *Opinion*. Apenas um jornal foi encontrado em casa de Joye: era um número do *Diable, journal de l'enfer*. As viúvas que figuram nesse famoso processo estão muito longe de ser livre-pensadoras. Acendem velas à boa Virgem, para obter de Nossa Senhora a graça de envenenar tranqüilamente os seus maridos. Encontra-se nesse negócio todo o velho apetrecho da Idade Média: ossos de defuntos colhidos nos cemitérios, *disfarces* que não passam de feitiços do tempo da rainha Margot. Todas essas senhoras foram educadas, não nas escolas de Elisa Lemmonier, mas entre as boas irmãs. Juntai às superstições católicas as superstições modernas, Espiritismo e outros charlatanismos. Foi o absurdo que conduziu essas mulheres ao crime. É assim que na Espanha, perto da foz do Ebro, vê-se na montanha uma capela dedicada a Nossa Senhora dos Ladrões.

“Semeai a superstição e colhereis o crime.” É por isto que pedimos que se semeie a Ciência. “Esclarecei a cabeça do povo, disse Victor Hugo, e não precisareis mais cortá-la.” – J. Labée.

O argumento de que os acusados não eram assinantes de certos jornais não tem valor, pois se sabe que não é necessário ser assinante de um jornal para lê-lo, sobretudo nessa classe de indivíduos. O *Opinion nationale* poderia, pois, achar-se nas mãos de alguns dentre eles, sem que se tivesse o direito de tirar daí qualquer consequência contra esse jornal. Que teria dito se Joye tivesse alegado que se inspirou nas doutrinas desse periódico? Teria respondido: lede-o e vede se nele encontrareis uma única palavra capaz de superexcitar as más paixões. O padre Verger certamente

tinha o Evangelho em casa; mais ainda: por sua condição, devia estudá-lo. Pode-se dizer que foi o Evangelho que o impeliu a assassinar o arcebispo de Paris? Foi o Evangelho que armou o braço de Ravailac e de Jacques Clément? que acendeu as fogueiras da Inquisição? E, contudo, foi em nome do Evangelho que todos esses crimes foram cometidos.

Diz o autor do artigo: “Semeai a superstição, e colhereis o crime.” Ele tem razão; mas erra quando confunde o abuso de uma coisa com a própria coisa. Se se quisesse suprimir tudo de que se pode abusar, muito pouco escaparia à proscricção, sem excetuar a imprensa. Certos reformadores modernos assemelham-se aos homens que desejam cortar uma boa árvore, porque dá alguns frutos estragados.

E acrescenta: “É por isto que pedimos que se semeie a Ciência.” Ele ainda tem razão, porque a Ciência é um elemento de progresso. Mas basta para a moralização completa? Não se vêem homens pôr o seu saber a serviço de suas más paixões? Lapommeraiie não era um homem instruído, um médico diplomado, desfrutando de um certo crédito e, além disso, um homem do mundo? Dava-se o mesmo com Castaing e tantos outros. Pode-se, pois, abusar da Ciência; deve-se, por isto, concluir que a Ciência seja uma coisa má? Porque um médico falhou, a falta deve recair sobre todo o corpo médico? Por que, então, imputar ao Espiritismo a de um homem a quem aprouve dizer-se espírita, e não o era? A primeira coisa, antes de fazer um julgamento qualquer, era inquirir se ele teria encontrado na Doutrina Espírita máximas capazes de justificar seus atos. Por que a ciência médica não é solidária com o crime de Lapommeraiie? Porque este último não colheu nos princípios dessa ciência a incitação ao crime; ele empregou para o mal os recursos que ela fornece para o bem. Entretanto, era mais médico do que Joye era espírita. É o caso de aplicar o provérbio: “Quando se quer matar seu cão, diz-se que está raivoso.”

A instrução é indispensável, ninguém o contesta; mas, sem a moralização, não passa de um instrumento, muitas vezes improdutivo para aquele que não sabe regular o seu uso com vistas ao bem. Instruir as massas sem as moralizar é pôr em suas mãos uma ferramenta sem lhes ensinar a utilizá-la, pois a moralização que se dirige ao coração não segue necessariamente a instrução que só se dirige à inteligência. Aí está a experiência para o provar. Mas, como moralizar as massas? É o de que menos se ocuparam, e por certo não será alimentando-as com a idéia de que não há Deus, nem alma, nem esperança, porque nem todos os sofismas do mundo demonstrarão que o homem que acredita que tudo começa e acaba com o corpo tenha mais fortes razões para esforçar-se por se melhorar, do que aquele que compreende a solidariedade existente entre o passado, o presente e o futuro. E, contudo, é essa crença no niilismo que uma certa escola de supostos reformadores pretende impor à Humanidade como o elemento por excelência do progresso moral.

Citando Victor Hugo, o autor esquece, ou melhor, nem desconfia de que este último tenha afirmado abertamente, em muitas ocasiões, sua crença nos princípios fundamentais do Espiritismo. É verdade que não é Espiritismo à maneira de Joye; mas quando não se sabe, pode-se confundir.

Por mais lamentável que seja o abuso praticado em nome do Espiritismo nesta questão, nenhum espírita se abalou com as conseqüências que pudessem resultar para a Doutrina. É que, com efeito, sendo sua moral inatacável, não podia ser atingida. Ao contrário, prova a experiência que não há uma só das circunstâncias que envolveram o nome do Espiritismo que não tenha redundado em seu proveito, pelo aumento do número de seus adeptos, porque o exame que a repercussão provoca só lhe pode ser vantajoso. Todavia, é de notar que, neste caso, com poucas exceções, a imprensa se absteve de qualquer comentário a respeito do Espiritismo. Há alguns anos ela teria alimentado suas colunas

durante dois meses e não deixaria de apresentar Joye como um dos grandes sacerdotes da Doutrina. Igualmente pôde-se notar que, em seu requisitório, nem o presidente da corte, nem o procurador-geral insistiram na circunstância para dela tirar qualquer ilação. Só o advogado de Joye fez seu ofício de defensor como pôde.

O Espiritismo em Toda Parte

LAMARTINE

Ante as oscilações do céu e do navio,
No encapelado mar com suas ondas lentas,
Mentalmente o homem dobra um Cabo das Tormentas,
E passa sob o raio e sob a escuridade,
O trópico a agitar de uma outra Humanidade.

O *Siècle* de 20 de maio último citava estes versos a propósito de um artigo sobre a crise comercial. Que têm eles de espíritas? perguntarão. Não se trata de almas, nem de Espíritos. Poder-se-ia perguntar, com mais razão, que relação têm com o fundo do artigo, no qual estavam enquadrados, tratando de taxas de mercadorias. Interessam muito mais diretamente ao Espiritismo, porque é, sob outra forma, o pensamento expresso pelos Espíritos sobre o futuro que se prepara; é, numa linguagem ao mesmo tempo sublime e concisa, o anúncio das convulsões que a Humanidade terá que sofrer para a sua regeneração e que, de todos os lados, os Espíritos nos fazem pressentir como iminentes. Tudo se resume neste pensamento profundo: *uma outra Humanidade*, imagem da Humanidade transformada, do novo mundo moral substituindo o velho mundo que desaba. Os preliminares destas modificações já se fazem sentir, razão por que os Espíritos nos repetem de todas as formas que os tempos são chegados. O Sr. Lamartine aí fez uma verdadeira profecia, cuja realização começamos a ver.

ETIENNE DE JOUY (DA ACADEMIA FRANCESA)

Lê-se o que se segue no tomo XVI das obras completas do Sr. de Jouy, intitulado: *Misturas*, página 99. É um diálogo entre Madame de Staël, morta, e o Sr. duque de Broglie, vivo.

O Sr. de Broglie – Que vejo! Será possível?

Madame de Staël – Meu caro Victor, não vos alarmeis e, sem me interrogar sobre um prodígio, cuja causa nenhum ser vivo poderia penetrar, gozai comigo um momento de felicidade, que a nós ambos proporciona esta aparição noturna. Como vedes, há laços que a própria morte não poderia cortar. A suave concordância de sentimentos, de vistas, de opiniões, forma a cadeia que liga a vida perecível à vida imortal e que impede que o que esteve longamente unido seja separado para sempre.

O Sr. de Broglie – Creio que poderia explicar esta feliz simpatia pela concordância intelectual.

Madame de Staël – Rogo que nada expliquemos; não tenho tempo a perder. Essas relações de amor que sobrevivem aos órgãos materiais não me deixam estranha aos sentimentos dos objetos de minhas mais ternas afeições. Meus filhos vivem; honram e prezam minha memória, bem o sei. Mas é nisso que se limitam minhas presentes relações com a Terra; a noite que cai envolve todo o resto.

No mesmo tomo, página 83 e seguintes, há um outro diálogo, onde entram em cena várias personagens históricas, revelando sua existência e o papel que representaram em *vidas sucessivas*.

O correspondente que nos dirige esta nota acrescenta:

“Como vós, creio que o melhor meio de trazer à Doutrina que preconizamos bom número de recalcitrantes é fazê-los

ver que o que olham como um bicho-papão, pronto para os devorar, ou como uma ridícula brincadeira, não passa do que despontou no cérebro dos pensadores sérios de todos os tempos, apenas pela meditação nos destinos do homem.”

O Sr. Jouy escrevia no início deste século. Suas obras completas foram publicadas no começo de 1823, em vinte e sete volumes in-8º, pela casa Didot.

Sílvio Pellico

(Extraído de *Minhas Prisões*, por Sílvio Pellico, cap. XLV e XLVI)

“Semelhante estado era uma verdadeira doença; não sei se devo dizer uma espécie de sonambulismo. Parecia-me que havia em mim dois homens: um que queria escrever continuamente, outro que queria fazer outra coisa...

“Durante essas noites horríveis, por vezes minha imaginação se exaltava a tal ponto que, bem desperto, me parecia ouvir em minha prisão, ora gemidos, ora risos abafados. Desde a infância jamais tinha acreditado em feiticeiros, nem em Espíritos, mas agora esses risos e esses ruídos me assustavam; não sabia como explicá-los; era forçado a duvidar se não era brinquete de alguma força desconhecida e malfazeja.

“Várias vezes, trêmulo, tomei da luz e olhei se alguém não estaria escondido sob o meu leito, para se divertir comigo. Quando estava à mesa, ora me parecia que alguém me puxava pela roupa, ora que empurravam um livro que caía no chão; também pensava que uma pessoa, atrás de mim, soprava a vela para que ela se apagasse. Então, erguendo-me precipitadamente, olhava em meu redor; andava desconfiado e me perguntava se estava louco ou na plenitude da razão, porque, em meio a tudo que experimentava, não mais sabia distinguir a realidade da ilusão, e exclamava com angústia: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?*

“Uma vez, tendo me deitado antes da aurora, julguei estar perfeitamente seguro de haver posto meu lenço sob o travesseiro. Depois de um momento de torpor, despertei como de costume e pareceu-me que me estrangulavam. Senti o pescoço bem apertado. Coisa estranha! estava envolto no meu lenço, fortemente amarrado por vários nós! Eu teria jurado não ter dado esses nós, não haver tocado no lenço desde que o pusera sob o travesseiro. Era preciso que o tivesse feito sonhando ou num acesso de delírio, sem guardar a menor lembrança. Mas não podia crê-lo, e, desde esse momento, todas as noites temia ser estrangulado.”

Se alguns desses fatos podem ser atribuídos a uma imaginação superexcitada pelo sofrimento, outros há que realmente parecem ser provocados por agentes invisíveis, e não se deve esquecer que Sívio Pellico não acreditava nessas coisas. Esta causa não podia acudir-lhe ao pensamento e, na impossibilidade de explicá-la, o que se passava à sua volta enchia-o de terror. Hoje, que seu Espírito está desprendido do véu da matéria, ele se dá conta não só desses fatos, mas das diversas peripécias de sua vida; reconhece como justo o que antes lhe parecia injusto. Deu sua explicação na comunicação seguinte, solicitada com esta finalidade.

(Sociedade de Paris, 18 de outubro de 1867)

Como é grande e poderoso esse Deus que os humanos rebaixam sem cessar, querendo defini-lo, e como as mesquinhas paixões que lhe atribuímos para o compreender são uma prova de nossa fraqueza e de nosso pouco adiantamento! um Deus vingador! um Deus juiz! um Deus carrasco! Não; tudo isto só existe na imaginação humana, incapaz de compreender o infinito. Que louca temeridade querer definir Deus! Ele é o incompreensível e o indefinível, e não podemos senão nos inclinar sob sua mão poderosa, sem procurar compreender e analisar sua natureza. Os fatos aí estão para provar que ele existe! Estudemos esses fatos e, por meio deles, remontemos de causa em causa tão longe quanto

possamos ir; mas não nos lancemos à causa das causas senão quando possuírmos inteiramente as causas secundárias e quando compreendermos todos os seus efeitos!...

Sim, as leis do Eterno são imutáveis! Hoje elas ferem o culpado, como sempre o feriram, conforme a natureza das faltas cometidas e proporcionalmente a essas faltas. Ferem de maneira inexorável, e são seguidas de conseqüências morais, não fatais, mas inevitáveis. A pena de talião é um fato, e a palavra da antiga lei “Olho por olho, dente por dente”, cumpre-se em todo o seu rigor. Não só o orgulhoso é humilhado, mas é ferido em seu orgulho da mesma maneira por que feriu os outros. O juiz iníquo se vê condenar injustamente; o déspota tornar-se oprimido!

Sim, governei os homens; fi-los dobrarem-se sob um jugo de ferro; eu os feri em suas afeições e em sua liberdade; e mais tarde, por minha vez, tive que me dobrar ao opressor, fui privado de minhas afeições e de minha liberdade!

Mas, como o opressor da véspera pode tornar-se o republicano do dia seguinte? A coisa é das mais simples e a observação dos fatos que se passam aos vossos olhos deveria vos dar a chave. Não vedes, no curso de uma só existência, uma mesma personalidade ora dominadora, ora dominada? e não acontece que, se governa despoticamente no primeiro caso, é, no segundo, uma das que mais energicamente lutam contra o despotismo?

Sucedem a mesma coisa de uma existência a outra. Certamente esta não é uma regra sem exceção, mas, em geral, os que aparentemente são os mais obstinados liberais, foram outrora os mais ardentes partidários do poder; e isto se compreende, porque é lógico que os que estavam habituados por muito tempo a reinar sem contestação e a satisfazer sem entraves os seus mínimos caprichos, sejam os que mais sofram a opressão, e os mais ardentes para sacudir o seu jugo.

O despotismo e seus excessos, por uma admirável conseqüência das leis de Deus, arrastam necessariamente os que os exercem a um amor imoderado da liberdade, e esses dois excessos, consumindo-se reciprocamente, trazem inevitavelmente a calma e a moderação.

Tais são, a propósito do desejo que exprimistes, as explicações que julguei por bem vos dar. Ficarei contente se elas puderem vos satisfazer.

Silvio Pellico

Variedades

O AVARENTO DA RUA DO FORNO

O jornal *Petite Presse*, de 19 de novembro de 1868, reproduzia o fato seguinte, conforme o *Droit*:

“Numa miserável mansarda da rua do Four-Saint-Germain, vivia pobremente um indivíduo de certa idade, chamado P... Não recebia ninguém; ele mesmo preparava a comida, muito mais frugal que a de um anacoreta. Coberto de roupas sórdidas, dormia num catre ainda mais repugnante. De magreza extrema, parecia mirrado pelas privações de toda sorte e em geral era considerado como vítima da mais profunda miséria.

“Entretanto, um cheiro fétido tinha começado a espalhar-se na casa. Aumentou de intensidade e acabou por atingir um pequeno restaurante, situado no pavimento térreo, a ponto de os consumidores se queixarem.

“Procuraram, então, a causa desses miasmas e a acabaram descobrindo que provinham do alojamento ocupado pelo senhor P...

“Esta descoberta fez lembrar que esse homem há tempos não era visto e, temendo que lhe houvesse sucedido uma desgraça, apressaram-se em avisar o comissário de polícia do bairro.

“Imediatamente a autoridade judiciária foi ao local e mandou um serralheiro abrir a porta. Mas, assim que quiseram entrar no quarto, quase se sufocaram e tiveram de se retirar prontamente. Só depois de ter deixado por algum tempo entrar o ar do exterior é que puderam entrar e proceder às constatações com os devidos cuidados.

“Um triste espetáculo ofereceu-se ao comissário e ao médico que o acompanhava. Estendido sobre o leito, o corpo do Sr. P.. encontrava-se em estado de completa putrefação; estava coberto de moscas-varejeiras e milhares de vermes roíam as carnes, que caíam aos pedaços.

“O estado de decomposição não permitiu reconhecer com exatidão a causa da morte, que ocorrera há bastante tempo, mas a ausência de qualquer traço de violência fez pensar que se deveu a uma causa natural, como uma apoplexia ou uma congestão cerebral. Aliás, encontraram num móvel uma soma de cerca de 35.000 francos, tanto em numerário quanto em ações, obrigações industriais e valores diversos.

“Depois das formalidades ordinárias, apressaram-se em retirar os restos humanos e desinfetar o local. O dinheiro e os valores foram selados e recolhidos.”

Tendo sido evocado na Sociedade de Paris, esse homem deu a seguinte comunicação:

(Sociedade de Paris, 20 de novembro de 1868 – Médiun: Sr. Rul.)

Perguntais por que me deixei morrer de fome, quando possuía um tesouro? De fato, 35.000 francos são uma fortuna! Ai! senhores, sois muito instruídos sobre o que se passa em torno de

vós, para não compreender que eu sofria provações, e meu fim diz bastante que fali. Com efeito, numa existência anterior eu tinha lutado com energia contra a pobreza, que não havia dominado senão por prodígios de atividade, de energia e de perseverança. Vinte vezes estive a ponto de me ver privado do fruto de meu rude labor. Por isso, não fui sensível com os pobres, que enxotava quando se apresentavam em minha casa. Reservava tudo quanto ganhava para minha família, minha mulher e meus filhos.

Escolhi para provação, nesta nova existência, ser sóbrio, moderado nos gostos e partilhar minha fortuna com os pobres, meus irmãos deserdados.

Mantive a palavra? Vedes o contrário; porque fui muito sóbrio, temperante, mais que temperante. Mas não fui caridoso.

Meu fim desventurado foi apenas o começo de meus sofrimentos, mais duros, mais penosos neste momento, quando vejo com os olhos do Espírito. Assim, não teria tido a coragem de me apresentar a vós, se não me tivessem assegurado que sois bons, compassivos com a desgraça; venho pedir que oreis por mim. Aliviai meus sofrimentos, vós que conheceis os meios de tornar os sofrimentos menos pungentes; orai por vosso irmão que sofre e que deseja voltar a sofrer muito mais ainda!

Piedade, meu Deus! piedade para o ser fraco que faliu. E vós, senhores, compaixão por vosso irmão, que se recomenda às vossas preces.

O avaro da Rua do Forno

SUICÍDIO POR OBSESSÃO

Lê-se no *Droit*:

“O Sr. Jean-Baptiste Sadoux, fabricante de canoas em Joinville-le-Pont, avistou ontem um jovem que, depois de ter

vagueado por algum tempo sobre a ponte, subiu no parapeito e se jogou no Marne. Imediatamente foi em seu socorro e, ao cabo de sete minutos, retirou-o. Mas a asfixia já era completa, tendo sido infrutíferas todas as tentativas feitas para reanimar aquele infeliz.

“Uma carta encontrada com ele revelou tratar-se do Sr. Paul D..., de vinte e dois anos, residente à rua Sedaine, em Paris. A carta, dirigida pelo suicida ao seu pai, era extremamente tocante. Pedia-lhe perdão por o abandonar e dizia que havia dois anos era dominado por uma idéia terrível, por uma irresistível vontade de se destruir. Acrescentava que lhe parecia ouvir fora da vida uma voz que o chamava sem tréguas e, malgrado todos os seus esforços, não podia impedir-se de ir para ela. Encontraram, também, no bolso do paletó, uma corda nova, na qual tinha sido feito um nó corredio. Depois do exame médico-legal, o corpo foi entregue à família.”

A obsessão aqui está bem evidente e, o que não o está menos, é que o Espiritismo lhe é completamente estranho, nova prova de que esse mal não é inerente à crença. Mas, se o Espiritismo nada tem a ver com o caso, só ele pode dar a sua explicação. Eis a instrução dada a respeito por um dos nossos Espíritos familiares, e da qual ressalta que, malgrado o arrastamento a que o jovem cedeu para a sua infelicidade, não sucumbiu à fatalidade. Tinha o seu livre-arbítrio e, com mais vontade, poderia ter resistido. Se tivesse sido espírita, teria compreendido que a voz que o solicitava não podia ser senão a de um Espírito mau e as conseqüências terríveis de um instante de fraqueza.

(Paris – Grupo Desliens, 20 de dezembro de 1868 – Médium: Sr. Nivard)

A voz dizia: Vem! vem! Mas essa voz do tentador teria sido ineficaz, se a ação direta do Espírito não se tivesse feito sentir. O pobre suicida era chamado e era impelido. Por quê? Seu passado era a causa da situação dolorosa em que se achava; apegava-se à vida e temia a morte. Mas, pergunto, nesse apelo incessante que

ouvia, encontrou força? Não; hauriu a fraqueza que o perdeu. Superou os temores, porque, enfim, esperava encontrar do outro lado da vida o repouso que o lado de cá lhe negava. Foi enganado: o repouso não veio. As trevas o cercam, sua consciência lhe censura o ato de fraqueza e o Espírito que o arrastou escarnece ao seu redor e o criva de motejos constantes. O cego não o vê, mas escuta a voz que lhe repete: Vem! vem! E depois zomba de suas torturas.

A causa deste caso de obsessão está no passado, como acabo de dizer; o próprio obsessor foi impelido ao suicídio por esse que acaba de fazer cair no abismo. Era sua mulher na existência precedente e tinha sofrido consideravelmente com a devassidão e as brutalidades de seu marido. Muito fraca para aceitar com resignação e coragem a situação que lhe era dada, buscou na morte um refúgio contra seus males. Vingou-se depois, e sabeis como. Entretanto, o ato desse infeliz não era fatal; tinha aceito os riscos da tentação; esta era necessária ao seu adiantamento, porque só ela podia fazer desaparecer a mancha que havia sujado sua existência anterior. Aceitara seus riscos com a esperança de ser mais forte e se havia enganado: sucumbiu. Recomeçará mais tarde; resistirá? Isto dependerá dele.

Rogai a Deus por ele, a fim de que lhe dê a calma e a resignação de que tanto necessita, a coragem e a força para não falir nas provas que tiver de suportar mais tarde.

Louis Nivard

Dissertações Espíritas

AS ARTES E O ESPIRITISMO

(Paris – Grupo Desliens, 25 de novembro de 1868

– Médium: Sr. Desliens)

Porventura houve uma época em que existiram mais poetas, mais pintores, escultores, literatos e artistas de todos os

gêneros? uma época em que a poesia, a pintura, a escultura, seja qual for a arte, tenha sido acolhida com mais desdém? Tudo está no marasmo! e nada, a não ser o que se liga à fúria positivista do século, tem chance de ser apreciado favoravelmente.

Sem dúvida ainda há alguns amigos do belo, do grande, do verdadeiro; mas, ao lado, quantos profanadores, quer entre os executantes, quer entre os amadores! Não há mais pintores; só há amadores! Não é a glória que se persegue! ela vem a passos muito lentos para a nossa geração apressada. Ver a fama e a auréola do talento, coroar uma existência em seu declínio, o que é isto? Uma quimera, boa ao menos para os artistas do passado. Então se tinha tempo de viver; hoje, apenas o de gozar! É preciso, pois, chegar, e prontamente, à fortuna; é preciso fazer um nome por *uma feitura original*, pela intriga, por todos os meios mais ou menos confessáveis com que a civilização cumula os povos que tocam um progresso imenso para frente ou uma decadência sem remissão.

Que importa se a celebridade conquistada desaparece com tanta rapidez quanto a existência do efêmero! Que importa a brevidade do brilho!... É uma eternidade se esse tempo bastou para adquirir a fortuna, a chave dos prazeres e do *dolce far niente!*

É a luta corajosa com a provação que faz o talento; a luta com a fortuna o enerva e mata!

Tudo cai, tudo periclita, porque não há mais crença!

Pensais que o pintor creia em si mesmo? Sim, por vezes chega a isso; mas, em geral, não crê senão cegamente, senão no entusiasmo do público, e o aproveita até que um novo capricho venha transportar alhures a torrente de favores que nele penetrava!

Como fazer quadros religiosos ou mitológicos que sensibilizam e comovem, quando desapareceram as crenças nas idéias que eles representam?

Tem-se talento, esculpe-se o mármore, dá-se-lhe a forma humana; mas é sempre uma pedra fria e insensível: não há vida! Belas formas, mas não a centelha que cria a imortalidade!

Os mestres da antiguidade fizeram deuses, porque acreditavam nesses desuses. Nossos escultores atuais, que neles não crêem, fazem apenas homens. Mas, venha a fé, ainda que ilógica e sem um objetivo sério, e gerará obras-primas; se a razão os guiar, não haverá limites que ela não possa atingir! Campos imensos, completamente inexplorados, abrem-se à juventude atual, a todos quantos um poderoso sentimento de convicção impele para um caminho, seja ele qual for. Literatura, arquitetura, pintura, história, tudo receberá do agulhão espírita o novo batismo de fogo, necessário para dar vitalidade à sociedade expirante; porque, no coração de todos os que o aceitarem, será posto um ardente amor pela Humanidade e uma fé inquebrantável em seu destino.

Um artista, Ducornet

A MÚSICA ESPÍRITA

(Paris – Grupo Desliens, 9 de dezembro de 1868 – Médiun: Sr. Desliens)

Recentemente, na sede da Sociedade Espírita de Paris, o presidente deu-me a honra de perguntar minha opinião sobre o estado atual da música e sobre as modificações que a ela poderia trazer a influência das crenças espíritas. Se não atendi imediatamente a esse benévolo e simpático apelo, crede, senhores, que só uma causa maior motivou a minha abstenção.

Os músicos, ai! são homens como os outros, talvez mais homens, isto é, nessa condição, falíveis e pecadores. Não fui isento de fraquezas, e se Deus me deu vida longa, a fim de me dar tempo de me arrepender, a embriaguez do sucesso, a complacência dos amigos, a adulação dos cortesãos muitas vezes me tiraram o meio. Um maestro é uma potência, neste mundo onde o prazer

representa tão grande papel. Aquele cuja arte consiste em seduzir o ouvido, enternecer o coração, vê muitas ciladas criadas sob seus passos e nelas cai o infeliz! Inebria-se com a embriaguez dos outros; os aplausos lhe tapam os ouvidos e ele vai direto ao abismo, sem procurar um ponto de apoio para resistir ao arrastamento.

Contudo, a despeito de meus erros, eu tinha fé em Deus; cria na alma que vibrava em mim, a qual, desprendida de seu cárcere sonoro, logo se reconheceu em meio às harmonias da Criação e confundiu sua prece com as que se elevam da Natureza ao infinito, da criatura ao ser incriado!...

Estou feliz pelo sentimento que provocou minha vinda entre os espíritas, porque foi a simpatia que a ditou e, se a princípio a curiosidade me atraiu, é ao meu reconhecimento que deves a minha apreciação da pergunta que foi feita. Eu lá estava, prestes a falar, crendo tudo saber, quando meu orgulho, caindo, revelou a minha ignorância. Fiquei mudo e escutei. Voltei, instrui-me e, quando às palavras de verdade emitidas por vossos instrutores se juntaram a reflexão e a meditação, disse-me: O grande maestro Rossini, o criador de tantas obras-primas, segundo os homens, nada fez, infelizmente, senão debulhar algumas das pérolas menos perfeitas do escrínio musical criado pelo mestre dos maestros. Rossini juntou notas, compôs melodias, provou a taça que contém todas as harmonias; roubou algumas centelhas ao fogo sagrado; mas esse fogo sagrado, nem ele criou, nem os outros! – Nada inventamos: copiamos do grande livro da Natureza e a multidão aplaude quando não deformamos demais a partitura.

Uma dissertação sobre a música celeste!... Quem poderia encarregar-se disto? Que Espírito sobre-humano poderia fazer vibrar a matéria em unísono com essa arte encantadora? Que cérebro humano, que Espírito encarnado poderia captar-lhe os matizes, variados ao infinito?... Quem possui a esse ponto o sentimento da harmonia?... Não, o homem não foi feito para tais condições!... Mais tarde!... muito mais tarde!...

Esperando, talvez eu venha satisfazer em breve o vosso desejo e vos dar minha apreciação sobre o estado atual da música e vos dizer das transformações, dos progressos que o Espiritismo poderá aí introduzir. – Hoje ainda é muito cedo. O assunto é vasto, já o estudei, mas ele ainda se apodera de mim; quando dele for senhor, caso a coisa seja possível, ou melhor, quando o tiver entrevisto tanto quanto mo permitir o estado de meu espírito, eu vos satisfarei. Mas, ainda um pouco de tempo. Se só um músico pode falar bem da música do futuro, deve fazê-lo como mestre, e Rossini não quer falar como aprendiz.

Rossini

OBSESSÕES SIMULADAS

Esta comunicação nos foi dada a propósito de uma senhora que deveria vir pedir conselhos para uma obsessão, e a respeito da qual tínhamos julgado dever previamente aconselhar-nos com os Espíritos.

“A piedade pelos que sofrem não deve excluir a prudência, e poderia ser imprudência estabelecer relações com todos os que se apresentam a vós, sob o império de uma obsessão real ou fingida. É ainda uma prova pela qual deverá passar o Espiritismo, e que lhe servirá para se desembaraçar de todos os que, por sua natureza, perturbassem o seu caminho. Ultrajaram, ridicularizam os espíritas; quiseram amedrontar aqueles a quem a curiosidade atrai para vós, colocando-vos sob o patrocínio de sataná. Nada disto teve êxito; antes de se render, querem assestar uma última bateria, pronta para abrir fogo, que, como todas as outras, redundará em vosso proveito. Não podendo mais vos acusar de contribuir para o incremento da alienação mental, enviam-vos verdadeiros obsedados, diante dos quais esperam que fracasseis, e obsedados simulados, que naturalmente vos seria impossível curar de um mal imaginário. Tudo isto em nada deterá o vosso progresso, mas com a condição de agir com prudência e